

Na realidade, relativamente ao sertanismo, as “expedições de apresamento oriundas de São Paulo pouco tinham a ver com a expansão territorial. Muito pelo contrário: ao invés de contribuírem diretamente para a ocupação do interior pelo colonizador, as incursões paulistas, bem como as tropas de resgate da região amazônica e os ‘descimentos’ dos missionários em ambas as regiões - concorreram antes para a devastação de inúmeros povos nativos” (p.7). Assim, o mito do bandeirante-herói em prol da causa da expansão portuguesa na América vai, felizmente, cedendo terreno para uma interpretação mais realista, fiel, científica e verdadeira sobre o elemento motor das expedições para o sertão.

Quanto à agricultura, “na tentativa de transformar índios do sertão em trabalhadores coloniais, os colonos de São Paulo esbarraram numa série de obstáculos que dificultaram a formação de uma sociedade escravista claramente constituída” (p.115).

Com isso, como discute o autor amplamente no sétimo e último capítulo - Os anos finais da escravidão indígena - abriu-se a transição para a substituição definitiva do trabalho dos índios pelo dos escravos negros. “A expansão da escravidão africana em São Paulo nos anos iniciais do século XVIII refletia mudanças importantes na organização econômica do planalto, as quais estavam intrinsecamente ligadas à emergente economia mineira das Gerais” (p.221). As grandes fazendas começaram a atender ao crescente mercado mineiro. Já não havia interesse na utilização dos índios na lavoura, nem mais nas atividades de transporte de mercadorias para as Minas. Estava, portanto, completamente ultrapassada a questão da escravidão indígena no Planalto de Piratininga.

Este primoroso estudo, planejado, realizado e montado dentro do maior rigor acadêmico, credencia John Monteiro, autor de inúmeros trabalhos sobre o Brasil colonial e, inclusive, de uma completa bibliografia sobre o tema, a novas e amplas incursões na história brasileira dos séculos XVI ao XIX, cuja historiografia é ainda escassa, lacunosa, obscura e, mesmo, distorcida quanto a importantes e decisivos aspectos.

Heloísa Liberalli Bellotto
Professora da Área de História do IEB/USP.

SCARANO, Julita. *Cotidiano e Solidariedade: vida diária da gente de cor nas Minas Gerais - Século XVIII*. São Paulo, Brasiliense, 1994.

“Este trabalho - essencialmente baseado em fontes primárias, ou seja, Leis, Ordens Régias e outros documentos de autoridades locais ou lisboetas, cartas, pedidos, resoluções e respostas, livros de irmandades religiosas, devassas, maços de população, róis de escravos e de pagamentos, entre outros, quase todos manuscritos, conservados em arquivos brasileiros e portugueses, trata de vários aspectos do cotidiano.

"Muita documentação se perdeu e se dispersou ou se tornou ilegível por variadas razões, às vezes por incúria, e assim inúmeras questões interessantes tiveram de ser deixadas de lado..." Esta é a afirmação de Julita Scarano que dá o tom da nova obra que escreveu visando trazer ao leitor novas e interessantes informações sobre a vida das Gerais no século XVIII. Nela está contida uma denúncia que sempre é feita por pesquisadores cuidadosos que buscam na documentação inédita luzes esclarecedoras da vida dos escravos no nosso período colonial. É a dificuldade da pesquisa porque faltam elementos seguros nas diferentes séries de documentos que se verdade é que por mais que se fale e se prometa uma política arquivística e até que ela exista em termos nacionais e em alguns estados como São Paulo, ela não tem, na prática, o exercício da teoria contida na fala dos pesquisadores ou nos artigos de tantas leis. Na maior parte do país não há um edifício condigno para abrigar a produção documental de cinco séculos de nossa história. E pasmem! Principalmente a história do século vinte: o século da informação...

O livro de Julita Scarano, no entanto, é o resultado de um desses esforços de nossos pesquisadores, em especial historiadores, para esclarecer temas ainda obscuros ou pouco tratados pela historiografia nacional.

Como sempre, Julita nos brinda com uma obra digna de um bom narrador e nos conduz apropriadamente ao mundo cotidiano das Minas Gerais no século XVIII, quando vai nos levando a conhecer como era feita a alimentação da época, como moravam e como se vestiam escravos e senhores... Não deixou de tratar de um assunto que é tema até hoje da vida brasileira: a saúde e a sobrevivência. Embora escorregue no subtítulo ao rotular de "homens de cor", e não negros, os homens e mulheres que focaliza no seu estudo, o livro é profundo na sua análise... Talvez "homens de cor" esteja sinalizando também para os mulatos e cafusos que não seriam qualificados como negros.

Vale a pena acompanhar a autora quando diz: "(...) a documentação civil e eclesiástica nos mostra também como era pequena a consciência coletiva no século XVIII (...) Não se nota pela documentação compulsada a existência de uma consciência humanitária".

Ou ainda: "Um aspecto também chama a atenção é o quanto as questões se mostram ambíguas, tanto em sua colocação como no modo de resolvê-las. Essa ambigüidade parece mesmo ser uma característica local e pode ser explicada por inúmeros fatores: o tipo de economia terá relevante papel. Na teoria, os senhores tinham completo domínio das situações, e o escravo, coisificado, não passava de um instrumento de trabalho. Na prática, a instabilidade econômica e a severidade da lei levavam mesmo a conluios e parcerias entre senhores e escravos, ainda que temporários, com a finalidade de burlar o fisco e o rígido controle português" (p. 19). A constante verificação do descaminho ou contrabando, até hoje uma realidade na nossa vida cotidiana. Uma questão de nossas extensas fronteiras, tão somente?

É difícil sintetizar sem deixar de informar aos leitores aspectos significativos tratados neste livro porque nas particularidades de que cuida e na abrangência que consegue chegar há dados que só podem ser enunciados se formos pospondo trechos na fala da própria autora, que é impossível pelo espaço que ocuparia e também porque seria copiar pura e simplesmente a obra. Assim sendo, o que farei é destacar pontos, que me chamaram mais a atenção e espero que eles acabem por despertar o interesse daqueles que gostariam de ver elucidadas algumas de suas dúvidas sobre o viver nas Minas Gerais e do conviver solidário de personagens tão díspares da sociedade colonial brasileira.

Cotidiano e Solidariedade traz muito da história de homens e mulheres que se reuniam em grupos diversos, compostos por negros, mulatos e mesmo brancos que buscavam realizar projetos de interesse comum. Mais ainda, a mineração clandestina que também aglutinava. Também a desobediência civil era capaz de juntar inimigos. E o Estado muito complexo, mas distante, deixava inúmeros espaços que a população local ocupava.

Nas 150 páginas que compõem a obra, Julita não deixa de lado no aspecto alimentação nem sequer a comida do doente, que é tratada de forma destacada no contexto que trabalha com os documentos que permitem interpretar o setor alimento na vida do “homem de cor” do século XVIII e na solidariedade que a comida compartilhada pôde permitir aos homens que viviam em Minas nessa quadra de nossa História. Mas também a Morada é tratada de forma inovadora, com criatividade, embora não deixando de ter nos documentos os suportes mais importantes para este estudo.

Os tipos de roupa que eram a um tempo uma imposição, mas que davam prestígio, são vistos pela autora do ponto de vista dos escravos e forros, mas também dos brancos e dos Senhores.

As revoltas e os quilombos são vistos como atuações que sobrevivem na marginalidade do Sistema. Da saúde e da sobrevivência já falamos, mas vale registrar que é um capítulo substantivo e muito importante, pois nele a gente pode recuperar um tema da maior atualidade e que tem, certamente, como demonstra Julita, as suas raízes em nosso passado colonial.

O registro da documentação consultada, que é farta, completa com as referências bibliográficas a oportuna obra de Julita Scarano e é o atestado daquilo que salienta a autora na introdução de sua obra, e que faço questão de retomar, pois é um livro muito criativo e revelador, feito com o apoio seguro da documentação consultada.

É, de fato, uma obra de historiadora que alia à pesquisa cuidadosa uma forma correta de escrever sobre o tema escolhido.

José Sebastião Witter

Professor do Depto. de História da FFLCH/USP.